

Prisões privatizadas e detenção de imigrantes na fronteira Califórnia-México

Contratação de empresas privadas para administrar prisões transformou a detenção em uma indústria lucrativa nos EUA

Erika Robb Larkins
19 de dezembro de 2019

AVENER PRADO/FOLHAPRESS



Sob as leis atuais, quem chega aos EUA em busca de asilo deve ser detido.

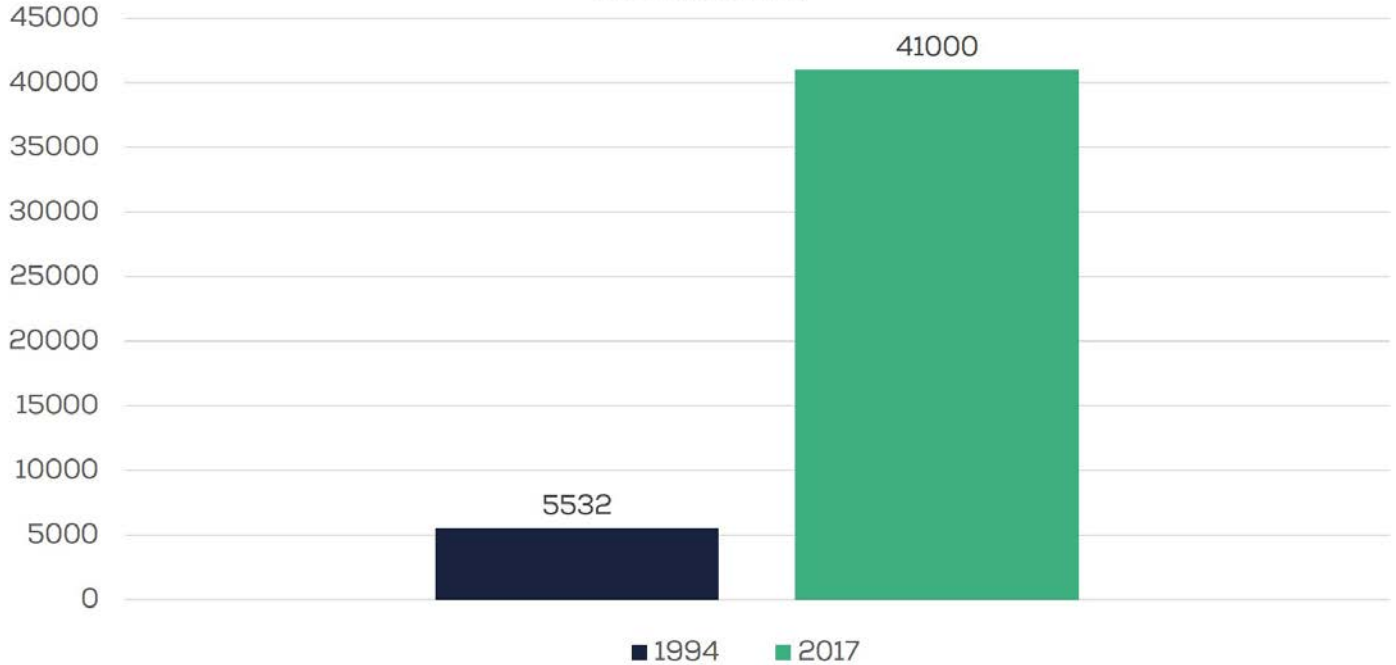
A fronteira mais movimentada do mundo, localizada em São Diego, Califórnia, é uma rota para refugiados fugindo de ameaças de morte, agressões, tortura, extorsão, estupro e outras atrocidades, que se tornaram parte da realidade cotidiana em seus países de origem. O maior grupo de refugiados vem da América Central. Mas refugiados políticos da Eritreia, da República Democrática do Congo, Camarões, China, Afeganistão, Paquistão, Venezuela e Brasil cruzaram oceanos e continentes, correndo enormes riscos, para buscar refúgio na fronteira do sul dos Estados Unidos da América.

Ao invés de oferecer aos refugiados abrigo e assistência, os Estados Unidos fizeram com que conseguir asilo fosse quase impossível. Sob as leis atuais, as pessoas que buscam asilo nos Estados Unidos em portas de entrada tais como um posto de fronteira ou um aeroporto, devem ser detidas. Estes refugiados são enviados para prisões de imigrantes, junto a outros não cidadãos que trabalharam e criaram famílias nos EUA por décadas.

A indústria de detenção de imigrantes, que inclui práticas de separação de famílias amplamente publicizadas, que retiram crianças pequenas de seus pais durante o processo de asilo, cresceu muito sob o governo Trump, que abraçou um discurso que retrata imigrantes vulneráveis como perigosos criminosos que merecem ser encarcerados. As políticas administrativas do governo Trump introduzidas no início desse ano tornaram tudo consideravelmente mais complicado, uma vez que muitos imigrantes são forçados a esperar no México por suas audiências de asilo, uma política que muitos especialistas consideraram ilegal.

Corporações privadas operam e fazem dinheiro com a detenção de refugiados. O governo federal estabeleceu uma política de contratação com corporações lucrativas para segurar imigrantes e refugiados em prisões enquanto eles aguardam por suas audiências. Essa política transformou a detenção em uma indústria crescente e lucrativa a nível nacional. Nas décadas de 1980 e 1990, os Estados Unidos detiveram em torno de 5.000 imigrantes por dia. Hoje, os EUA detêm entre 40.000 e 50.000 imigrantes por dia, alguns detidos indefinitivamente por 18 meses ou mais.

Leitos de detenção de imigrantes: crescimento de quase oito vezes em duas décadas

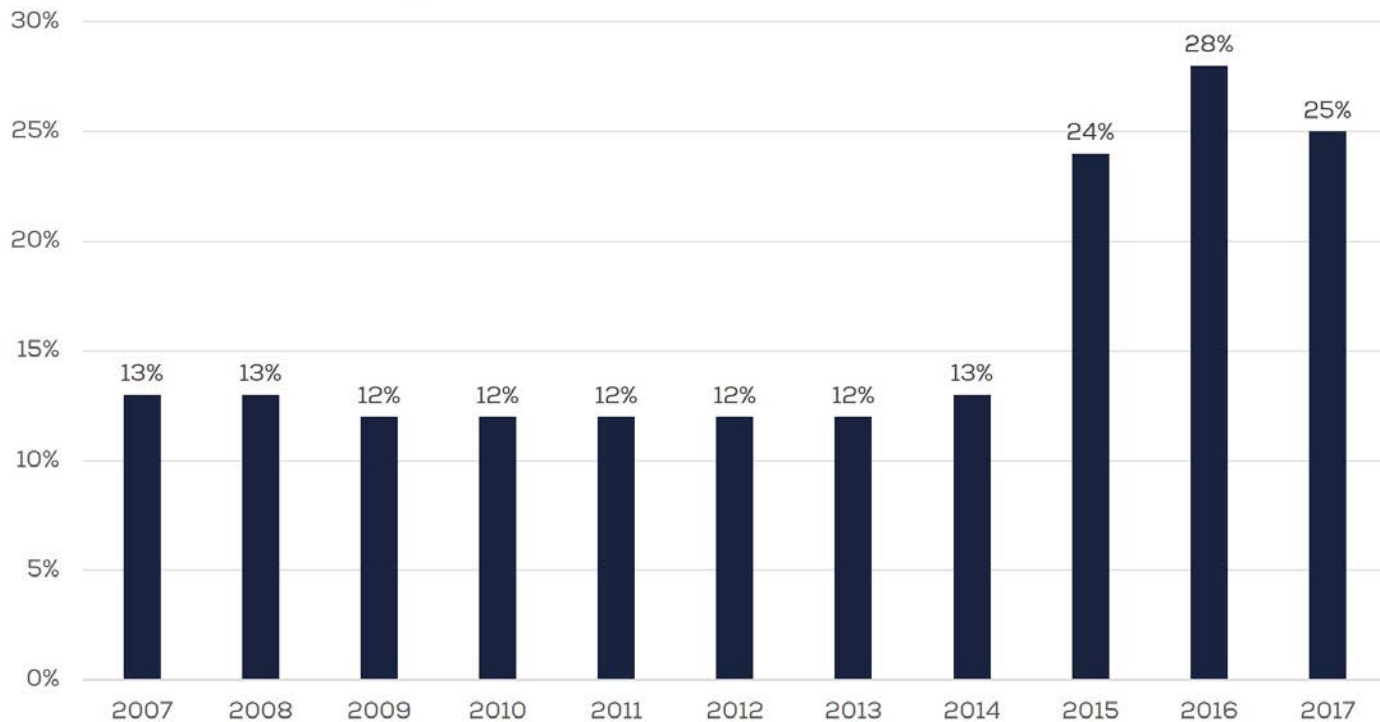


Fonte: Southern Poverty Law Center, 2018.

O orçamento federal para detenção de imigrantes triplicou desde 2005. Atualmente, são US\$ 7 bilhões por ano, incluindo US\$ 2 bilhões para as prisões privatizadas. Estes imensos gastos federais enriquecem os acionistas de empresas que administram prisões, tais como a CCA/CoreCivic, que têm ações negociadas na Bolsa de Valores de Nova Iorque (NYSE). O valor de mercado da CCA/CoreCivic cresceu substancialmente desde a eleição de Trump. Há centros de detenção privatizados não somente em São Diego e outras comunidades fronteiriças, mas, virtualmente, em todos os lugares nos Estados Unidos. Muitos políticos, democratas e republicanos, recebem contribuições da CCA/CoreCivic e de outras empresas da indústria de detenção, como o GEO Group.

Sob um programa chamado "Operation Streamline", as cortes federais de imigração realizam julgamentos em massa, acusando por entrada ou reentrada criminosa até 70 solicitantes de asilo de uma só vez. Assim, enquanto lutam pelo pedido de imigração, eles são processados criminalmente antes de serem enviados à prisão. Sob a administração Trump, o programa foi expandido para a região de fronteira entre São Diego e México. A maioria dos imigrantes que está em centros de detenção não tem assistência jurídica. As organizações que tradicionalmente oferecem esse tipo de assistência *pro bono* não conseguem lidar com o aumento de demanda decorrente de tantos solicitantes de asilo, muitos dos quais são presos em Otay Mesa, uma grande unidade da CoreCivic em São Diego.

Porcentagem da receita da CoreCivic proveniente do ICE



Fonte: Southern Poverty Law Center, 2018

Algumas medidas recentes da CoreCivic reforçam suspeitas sobre o tratamento dos imigrantes em Otay Mesa. Em agosto de 2018, a agência de imigração dos Estados Unidos (USA Immigration and Customs Enforcement - ICE) e a CoreCivic suspenderam um programa de visitas mantido pela *First Unitarian Universalist Church*, batizado SOLACE, porque os voluntários não assumiram o compromisso de manter sigilo sobre as condições dentro da unidade. Dois meses depois, a CoreCivic desativou a "Freedom for immigrants", uma linha direta de denúncias pela qual os detentos podiam reportar violações de direitos humanos. A empresa também suspendeu as visitas de seus acionistas à unidade, alegando falta de recursos. Efetivamente, não há acesso da comunidade ou canais de prestação de contas em um centro de detenção com um conhecido histórico de abusos e de negligência.

A despeito das medidas que sugerem uma tentativa de ocultar as condições internas, testemunhos de refugiados relatam condições inumanas. Uma entidade da sociedade civil chamada Allies to End Detention, liderada por membros da comunidade local, estudantes e pesquisadores da Universidade Estadual da Califórnia, San Diego (San Diego State University - SDSU), iniciou uma campanha por meio de cartas, cartões postais e desenhos com mensagens de encorajamento e esperança. Os imigrantes escreveram de volta, dividindo suas histórias e recontando suas experiências de detenção. As cartas estão reunidas num arquivo, disponível na biblioteca da universidade.

Protestos contrários ao encarceramento com fins lucrativos estão crescendo nos Estados Unidos. Os grandes bancos e entidades financeiras se distanciaram da CoreCivic e de outras empresas. O governador da Califórnia, Gavin Newsom, assinou recentemente uma legislação banindo organizações privadas e com fins lucrativos de operar no estado. No entanto, os contratos em vigor precisam vencer para que unidades como Otay Mesa fechem suas portas. As empresas que atuam na administração de prisões privadas provavelmente recorrerão aos tribunais. Ainda que se mantenham, com o enorme potencial de ganhos e com a crescente população de imigrantes encarcerados, empresas como a CoreCivic provavelmente irão migrar para estados politicamente mais alinhados com seus negócios.

[Acesse o relatório](#) da Allies to End Detention sobre as condições nas unidades da CoreCivic.

Erika Robb Larkins

Professora doutora do Departamento de Antropologia e Sociologia na Universidade Estadual da Califórnia, San Diego (SDSU)

<https://backup.forumseguranca.org.br/seguranca-no-mundo1/template-1-seguranca-no-mundo-8o56u>



